

Fagundes Varella – Névoas

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azuis,
E a lua cercada de pálida chama
Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os flocos de névoas imensas
Que em grutas extensas se elevam no ar,
– Um corpo de fada, – serena dormindo,
Tranquila sorrindo num brando sonhar.

Na forma de neve – puríssima e nua –
Um raio da lua de manso batia,
Assim reclinada no túrbido leito
Seu pálido peito de amores tremia.

Oh! filha das névoas! das veigas viçosas,
Das verdes, – cheirosas roseiras do céu,
Acaso rolaste tão bela dormindo,
E dormes sorrindo, das nuvens no véu?

O orvalho das noites congela-te a frente,
As orlas do monte se escondem nas brumas,
E queda repousas num mar de neblina,
Qual pérola fina no leito de espumas!

Nas nuas espáduas, dos astros dormentes,
– Tão frio – não sentes o pranto filtrar?
E as asas de prata do gênio das noites,
Em túbios açoites a trança agitar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um férvido beijo gozares em vão!...
Os – astros sem alma – se cansam de olhar-te,
Não podem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam, – e as névoas tremiam, –

– E os gênios corriam – no espaço a cantar,
Mas ela dormia tão pura e divina
Qual pálida ondina nas águas do mar!

Imagem formosa das nuvens da Ilíria,
– Brilhante Valquíria – das brumas do norte,
Não ouves ao menos do bardo os clamores,
Envolta em vapores, – mais fria que a morte!

Oh! vem! vem, minh'alma! teu rosto gelado,
Teu seio molhado de orvalho brilhante,
Eu quero aquecê-los no peito incendiado,
– Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as névoas sombrias,
– Nas horas tardias que a noite desmaia. –

E as brisas d'aurora ligeiras corriam,
No leito batiam da fada divina;
Sumiram-se as brumas do vento à bafagem
E a pálida imagem desfez-se em – neblina!

Santos – 1861.

Fagundes Varella, Noturnas